desleituras
ISSN: 2764-006X - n. 21, ago. - 2026

CAPÍTULO CINCO
FILOSOFIAS: UMA ANÁLISE PERCEPTIVA SOBRE OS ESTUDOS REALIZADOS POR DOCENTES PESQUISADORES FUNDAMENTADOS NA ABORDAGEM "POR QUE ENSINO? COMO ENSINO?"

Neferson Barbosa da Silva Ramos
Fernando José Alves

Neferson Barbosa da Silva Ramos
Doutorando em Educação Matemática e Tecnológica. Mestre pelo (PPGEdumatec/ UFPE). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Licenciado em Pedagogia, especialista em gestão da educação e coordenação. Autor do livro "Metodologias Ativas na Educação On-line: uma análise a partir das Coreografias Didáticas na Educação Superior". Núcleo de Estudos e Pesquisas de Práticas Inovadoras (NEPPI- IFPE). Professor do ensino superior nas áreas: tecnologias digitais da informação e comunicação na educação (TDICs), políticas educacionais e legislação de ensino, fundamentos e novas práticas na educação inclusiva. Foi Design Instrucional bolsista do Núcleo de Telessaúde do Hospital das Clínicas (UFPE), design educacional na Eu Médico Residente e Analista Pedagógico do FAB LAB Recife. Atualmente participa do Observatório de Filosofia (CFCH-UFPE). Pesquisa territórios inteligentes, recursos educacionais abertos (REAS), curadoria digital, Metodologias ativas, protagonismo estudantil, EAD, educação on-line, ensino remoto, coreografias didáticas e tecnologias assistivas.

Fernando José Alves
Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, possui Mestrado em Filosofia pela UFPE – PRO-FILO, com Especialização em Novas Tecnologias em Educação e Gestão Pública pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Graduado em Licenciatura no Curso de Pedagogia pela Faculdade de Filosofia do Recife – FAFIRE, atualmente é Professor da Rede Pública de Ensino do Estado de Pernambuco.

Introdução

A educação se constrói a partir de interações sociais, diálogos protagonizados pelos sujeitos docentes, discentes e todo entorno que constitui um contexto educacional escolar.

Imagina termos a oportunidade de refletirmos sobre as nossas práticas pedagógicas e posteriormente analisarmos análises críticas com intuito de perceber nossos médicos de ensinar, como ensinar e para que ensinar.

Este estudo foi desenvolvido a partir de experiências relatadas e vivenciadas por estudantes e convidados da disciplina Filosofia do Ensino de Filosofia, construída e ministrada pelo Prof. Dr. Junot Matos, docente do programa de mestrado profissional de Filosofia da UFPE.

A metodologia utilizada para esta investigação, baseou-se na análise textual discursiva, onde foi necessário distribuir as produções em três categorias, sendo: a) Experiências pessoais e acadêmicas; b) Experiências metodológicas na docência em filosofia; e c) Percepções da filosofia a partir do ensino de filosofia. A partir desta categorização do estudo, transformamos e dividimos em tópicos esta produção.

Ao desenvolvermos as análises, percebemos fortes indagações acerca das práticas pedagógicas no ensino de filosofia surpreendentemente na educação básica, na modalidade do ensino fundamental séries finais bem como no ensino médio.

Os métodos de ensino, baseados em metodologias ativas, com foco no protagonismo estudantil, pedagogia através do diálogo, se sobressaíram no que diz respeito à inovação da prática pedagógica no ensino de filosofia. As indagações apresentadas pelos professores pesquisadores, descrevem a necessidade de mudar as estratégias educacionais em filosofia, seja na esfera de gestão e ou comunidade escolar. No tópico seguinte apresentamos a estruturação metodológica definida para a realização deste estudo.

Metodologia: como se deu a realização deste estudo?

Um grande desafio nos foi dado, com intuito de reunir produções acadêmicas de estudantes de mestrado da disciplina filosofia do ensino de filosofia, do semestre 2023.2, e convidados externos, bem como relacionar e analisar percepções sobre o exercício da docência em filosofia nos seus diversos contextos.

A diversidade de conteúdos históricos, culturais e sociais reproduz uma narrativa que coaduna com os verdadeiros desafios do ensino da filosofia no panorama da educação curricular nacional. A proposta para **Filosofias: por que ensino, como ensino**

Este estudo, de natureza qualitativa, baseou-se na descrição das experiências apresentadas pelos estudantes em seus relatos de experiência e produções acadêmicas e aprofundar posteriormente a partir da análise textual discursiva, com intuito de desvendar as múltiplas faces do ensino de filosofia e reconstruir novos métodos e percepções, tendo as seguintes categorias de análises prévias: a) Experiências pessoais e acadêmicas; b) Experiências metodológicas na docência em filosofia; e c) Percepções da filosofia a partir do ensino de filosofia. A seguir apresentamos um quadro com os títulos e autores dos textos investigados.

Quadro 1. Produções de professores pesquisadores

Textos	Autores
Estudos da linguagem e a filosofia marxista	Adailton Melo
A vida como recurso filosófico	Ademar Cordeiro
Uma experiência dialógica no ensino de filosofia	Ana Maria Alves
Ensino de filosofia como prática do reconhecimento	Conceição Ellayne
O deus ex - machina na filosofia como na vida: uma jornada transpessoal	Maria de Fátima
Dos quatro passos a inversão da aula	Gilmar
Filosofia e Educação: reflexões sobre a prática pedagógica	José Simão
Filosofia e literatura, os desafios do aprender a pensar com autonomia	Lenine Querino

FILOSOFIA: Por que ensino? Como ensino?	Marcelo Alves Santos
Buscando alcançar uma daquelas belas luzes na escuridão	Marcos Igor Carneiro
Foucault e o Ensino de Filosofia: discurso do poder e a liberdade do cuidado de si	Nivson Rafael Braga
Trilhando pelos caminhos da filosofia no chão da sala de aula	Paulo Ferreira
Educar para a Liberdade: o exercício docente como um ato de transgressão	Roberto Rubens Coutinho
O ensino de filosofia como uma abertura para o mundo: a responsabilidade de ensinar e aprender filosofar	Walyson de Lima
Como ensino e por que ensino? Pensando o ensino de filosofia para além do currículo escolar	Yuri Formiga

Fonte: produtos da disciplina Filosofia do Ensino de Filosofia (2023)

Diante dos textos, ilustrados no quadro acima, separamos em três etapas as análise e discussões dos mesmos que serão apresentados a seguir.

Reflexões e práticas baseadas no ensino e aprendizagem com métodos ativos, promotores de protagonismos e liberdade: experiências pessoais e acadêmicas.

Esta é uma etapa do texto que apresenta uma descrição das produções analisadas dos autores sobre a exposição e apresentação da atuação docente com olhar pessoal e acadêmico relatando seus conflitos, angústias e desafios na sala de aula. Todos os atores trabalham com jovens e adolescentes, no ensino médio, alguns em outras perspectivas e modalidades de ensino, como ensino fundamental.

Inicialmente Maria de Fátima, em seu texto "O deus ex-machina na filosofia como na vida: uma jornada transpessoal" serve como metáfora para compreender a complexidade das interações interpessoais, tanto nos espaços de escolarização quanto fora deles. E que a educação não está na vida. É vida.

Sendo assim, ensinar com base no contexto de vida onde o ser humano está presente é o caminho para alcançar o conhecimento. Podemos, assim, encontrar o Deus ex-Machina em nossas ações cotidianas, em nossos estudos, em nossas reflexões, pensamentos pessoais e nas atuações docentes.

Neste direcionamento, a partir da produção de Marcelo Alves, professor da rede pública de ensino na secretaria de educação de Pernambuco, mestre em filosofia e orientador do PIBID sobre FILOSOFIA: Por que ensino? Como ensino? é perceptível que o professor pode promover um ensino, sob a ótica do protagonismo do aluno, ou seja, o professor que planeja um ensino facilitador, que promove a aprendizagem a partir da investigação, instiga o aluno a pensar enquanto ser atuante em uma sociedade em movimento, prioriza a aprendizagem ativa Ramos (2021), dos estudantes, que por sua vez são protagonistas da sua aprendizagem.

Marcelo, apresenta historicamente a sua trajetória de luta na busca do saber, do conhecimento filosófico, para depois compartilhar o saber com seus pares. Ele acredita em um ensino democrático, emancipador, alinhado com os movimentos de resistência das minorias — é algo muito desafiador, ser "combativo", mas sem perder a ternura. Relembrando da necessidade de descomplicar a filosofia é sempre promover uma escolha assertiva de metodologias, além do despertar o gostar pelo filosofar mediante conteúdos alinhados com o cotidiano dos estudantes e uma didática que produza facilitar o processo do aprendizado.

Assim, para criar o hábito do exercício do filosofar é necessário encontrar estratégias que possibilite capacitar os estudantes a questionar as suas dúvidas, sendo assim, promover métodos ativos de ensino e aprendizagens. Outra estratégia importante, para o desenvolvimento da aprendizagem ativa, se direciona diante da prática do ensino e aprendizagem com diálogos, tanto nas construções de concepções, bem como na convivência harmoniosa em sala de aula, desenvolvendo também operações afetivas e comportamentais, criando ações de empatia, respeito e escuta do outro.

Marco Igor, outro mestrando de filosofia, em seu texto "Buscando alcançar uma daquelas belas luzes na escuridão", promove

uma escrita muito flexível, dialogando com teóricos e construindo o amor pela arte de ensinar. O autor é formado em história, mas com uma larga caminhada no ensino da filosofia, que por sua vez, afirma, que ensinar filosofia é fazer com que uma pessoa cheia de respostas prontas volte a questionar-se. Ele fala do diálogo com os estudantes, e lança perguntas diretas que desestabilizam suas certezas, o mesmo deixa claro a importância da quebra de paradigmas, bem como a desconstrução para a construção como fator favorável à aprendizagem.

Para Igor, intrinsecamente, estimular o espírito questionador é a essência do professor de filosofia, que visa a filosofia não como um "sistema acabado nem o filosofar apenas a investigação dos princípios universais propostos pelos filósofos". É importante que os estudantes compreendam que esses pensamentos filosóficos não são teorias vazias, mas sim formas de vida testadas e experimentadas por pessoas ao longo da história.

Ao analisarmos a produção de Igor, nos deparamos com uma visão interdisciplinar, ou seja, ele frisa que a curiosidade deveria ser instigada não só pela filosofia, mas sim, por todas as disciplinas, sabendo que é na disciplina de filosofia que se converge para se formar o conhecimento humano. Ele também, alimenta seu discurso, baseando-se em Paulo Freire, onde "a educação não se trata apenas de transmitir conhecimento", mas de incentivar o pensamento crítico, de nutrir a curiosidade e de cultivar a paixão pelo aprendizado, visando direcionar os estudantes na construção de seus próprios caminhos na busca pela compreensão do mundo e de si mesma.

A partir do título, definimos que o texto a seguir seria o de Paulo Ferreira, intitulado "Trilhando pelos caminhos da filosofia no chão da sala de aula", que relata sua experiência como professor do ensino fundamental, séries finais, em uma escola pública no município de S.S. Lagoa de Roça, no Estado da Paraíba, inicialmente ele se projeta em responder à pergunta: *por que e para que ensino filosofia*? Diante deste questionamento, ele enfatiza que ensinar filosofia é uma atitude de amor ao conhecimento, é um mergulho não somente em ideias antigas ou em estudos abstratos, mas sim, em caminhos e territórios sobre o qual lançamos a semente do pensamento crítico, da reflexão e da análise profunda sobre questões fundamentais da existência humana. Vale

destacar que ele enfatiza o pensamento crítico, como a essência dos métodos de ensino e aprendizagem ativa para filosofia.

Refletindo em torno da importância do ensinar-aprendendo e aprender-ensinando filosofia, se destacam três pontos fundamentais: 1) o desenvolvimento do pensamento crítico; 2) construção de debates e discussões do tema abordado; e 3) desenvolvimento de habilidades e competências de questionar, ideias e conceitos, bem como de analisar argumento, promovendo a capacidade de pensamento crítico, que é essencial neste mundo repleto de informações e opiniões diversas.

Considerando um detalhe pessoal, foi percebido que Paulo, também é licenciado língua portuguesa, destacamos esta formação para enfatizar a percepção dele sobre a construção das aprendizagens através da produção de textos no gênero literatura de cordel, ou seja ele acredita no protagonismo estudantil e enfatiza o desenvolvimento da autonomia e expressão através da escrita, expandindo possibilidades interdisciplinares entre filosofia, linguística e tantas outras disciplinas curriculares e eletivas.

Na sequência, Walyson Lima apresenta em seu texto, "Educar para a liberdade: O exercício docente como um ato de transgressão." ele fundamenta seus escritos em Paulo Freire e relaciona o exercício do ensino da filosofia em todo o processo educacional, desde a educação infantil, até a fase adulta. Ele frisa também que "o adulto é o resultado de um processo de educação bancária".

Portanto, ele seu exercício docente prevê uma transgressão ao promover inquietações no perguntar, ao instigar o aluno a pensar e refletir em torno dos problemas vivenciados no seu cotidiano.

Heranças colonizadoras, ou seja, sobre perspectivas decoloniais, são apresentadas por Walyson em contraste a educação atual, ele pontua que"vivemos em uma educação colonizada por um mundo sistêmico, cercado de regras impessoais que, muitas vezes, os resultados estão acima da própria formação" nesse direcionamento, percebemos a necessidade de pedagogias, modelos educacionais e fazer educação de forma libertadora.

O ato de transgressão se destaca a partir de um agir intersubjetivo que acontece a ampliação do conhecimento na esfera comu-

nicacional, como um suporte para dimensionar a educação como socialização. Dessa forma, o processo de ensino será emancipatório se acontecer na instância do agir comunicativo e não na instrumental. Educar na atualidade vem se desenhando uma tarefa desafiadora, complexa, diferente e cada vez mais tecnológica.

O professor de filosofia precisa se colocar como intelectual transformador, promovendo uma prática dialética entre professor e estudante na qual ambos se identificam com as problemáticas do seu meio social: analisando, questionando e construindo possibilidades que favoreçam a autonomia de ambos. A perguntação é a ferramenta anunciada por Junot Matos (2021), sendo a pergunta, característica fundamental das filosofias, é definida como uma indagação que estimula um conjunto de reflexões e novas perguntas que corroborem possíveis respostas, perguntar como "*o que é a verdade?*", "*o que é a vida?*" são perguntas na base da filosofia, perguntas as quais causam espanto ao ser humano.

Para finalizar este bloco de reflexões pessoais e acadêmicas, fechamos com Yuri Formiga, discutindo a partir da problemática: "*Como ensino e por que ensino? Pensando o ensino de filosofia para além do currículo escolar*." Reescreve a sua experiência etnográfica das vivências em sala de aula, descrevendo a sua preocupação com a educação e sua forma de ensinar, o relato constitui inquietações de um professor de filosofia no estado de Alagoas. O mesmo entende a educação como uma relação que tem por base um conjunto de outras relações que a antecede, mas que também surgem e desaparecem no processo — movimento — denominado educação.

Neste sentido, Yuri, em seu pensamento, caracteriza que toda a estrutura educacional no formato integral conduz alunos e professores para um desgaste emocional e intelectual, desestimulando o processo de ensino-aprendizagem, o tempo de 12 horas no ambiente escolar se torna desgastante e ocioso. Porém, a educação escolar vai muito além da sala de aula, se constitui primordialmente nas vivências do cotidiano escolar, onde saberes histórico e socialmente produzidos, acumulados e compartilhados.

A pedagogia afetiva, portanto, pode ser uma etapa essencial de uma prática docente através do acolhimento e pertencimento, des-

tacando o amor como fonte primordial na relação do processo de aprendizagem, instigando os alunos ao debate reflexivos e provocativos, sem acreditar em fórmulas prontas.

Pensar constantemente que educação é um ato político e ético realizado coletivamente, e neste espaço que são vislumbrados os projetos de vida do indivíduo enquanto ser social. Entretanto, o autor deixa claro que para que se obtenha êxito em uma aula, além do planejamento é indispensável uma rápida conversa de 5 a 15 minutos no início das aulas, sobre temas corriqueiros em torno de assuntos da comunidade ou dos noticiários em voga. O professor deverá estar atento às abordagens de combate a temas preconceituosos, tais como práticas racistas, sexistas, homofóbicas, transfóbicas.

Experiências metodológicas na docência em filosofia

Neste tópico, serão abordados relatos das experiências metodológicas promovidas pelos Ademar, Ana Maria e Gilmar, estudantes do PROFFILO, mestrado profissional de filosofia, na UFPE. A definição e integração destes três estudos, destacam-se sobre reflexões de metodologias bem aplicadas que poderão criar um ambiente saudável e motivador para agregar, incentivar estudos e pesquisas, reconduzindo alunos e professores para a produção de conhecimentos.Ao transcrever as metodologias aplicadas em sala de aula, estaremos sintetizando ao leitor, possibilidades que refazer, repensar, reelaborar e refletir sobre a condução de suas práticas de ensino no chão da sala de aula.

"*A vida como recurso filosófico*", texto escrito por Ademar, relata a sua apreensão enquanto discente da disciplina de filosofia, quando se vê diante da exclusão da filosofia, não somente no âmbito escolar, mas de fato no currículo escolar. Mesmo assim, apesar da banalidade social, em especial em seu município. Ele se propõe a não cruzar os braços diante das adversidades. Este trabalho se destaca através do "planejamento reverso".

Conduzir uma disciplina que pode ser considerada a mãe das demais disciplinas, produzir o fazer, pensar, refletir, questionar, indagar… como fazer? Como fazer para os nossos alunos se tornarem lei-

tores e apaixonados pela oratória, pela busca do saber, pelo garimpo do conhecimento. São desafios que o docente, apaixonado pela arte de ensinar filosofia, se predispõe a enfrentar.

Ao refletir sobre suas aulas com textos ou material didático, Ademar, promove mudanças ao definir que a vida cotidiana seria a protagonista de suas aulas de filosofia. Ao problematizar as aulas, desenvolvendo o encantamento, agora é possível aplicar as intervenções necessárias. Passado a promover o estudante como centro do processo, o conteúdo será objeto secundário. É importante lembrar, que Ademar, ao menos imperceptivelmente, utilizou em suas argumentações metodologias ativas ou aprendizagem através do encantamento, ou seja, justificando o planejamento por meio da conquista e protagonismo estudantil.

Ele relata uma experiência desafiadora, porque teve de contratempo a rejeição da gestora, colegas e da própria comunidade. No entanto, ele não se abateu, se apropriando no questionamento: "*quem disse que ser professor de filosofia é fácil?*". Juntar teoria e prática, necessita de criatividade, de potencialidade, e acima de tudo, amar o que se faz.

Ademar, apresenta sua proposta metodológica dividida em três partes: 1. Metas a serem alcançadas, confecção de um planejamento reverso, o qual é uma metodologia que propõe que o professor comece a fazer o plano de aula pelo fim (junto aos alunos). 2. Desenvolver a escuta como forma de deixá-los à vontade para compartilhar suas experiências. Seria proposto a eles que fizessem o compartilhamento das experiências de vida para os demais e, assim, estimular a troca de experiências, sempre havendo as devidas associações com conceitos filosóficos pré-escolhidos. 3. produção final que pudesse servir como evidência de que a forma de ensino aplicada estava surtindo efeitos, e para isso os (as) estudantes teriam que produzir textos baseados em situações de seu cotidiano.

Outra experiência metodológica flexível, foi descrita no texto de Ana Maria, intitulado "*Uma experiência dialógica no ensino de filosofia*". Nesta caminhada, ela criou, em seu processo de aprendizagem, o "*café com filosofia*", focando no método de ensino-aprendizagem, através dos debates dialógicos entre os alunos e professores, ou

seja, uma roda de conversas. Para ela, esta estratégia metodológica ou metodologia de ensino foi a virada de chave na possibilidade de produção de um ensino significativo, tanto para o professor quanto para o aluno.

A adoção do método dialógico surge com intuito de formar o cidadão crítico e com possibilidade de argumentar temas conflituosos, pertencentes ao cotidiano da comunidade em que se vive, ela vai adentrando no caminho do ensino da filosofia. Valorizar o ser ético e moral é um fator fundante na formação do indivíduo, e em especial na promoção de um agente que tenha a voz ativa na tomada de decisão coletiva.

Outra forma de se pensar em mudanças, na prática de ensino, foi identificado no texto de Gilmar Lopes "*Dos quatro passos, a inversão da aula*". Ele promove uma pesquisa introduzindo as metodologias ativas, sendo aplicada em duas turmas de Filosofia no ensino médio, na EREM João Fernandes da Silva, rede estadual de ensino de PE. Localizado no município de São João. Formado em história, mestrando do proffilo, e professor da disciplina de filosofia, relata esta experiência de sala de aula, que poderá contribuir para os leitores reproduzir e ter resultados diferenciados.

As suas intervenções foram realizadas através da "Sequência didática", intitulada "homens e mulheres do desconhecimento" (e não sem motivo), que focava no Prólogo da Genealogia da Moral de Frederich Nietzsche. Optou para se trabalhar o tema: éticas e valores morais. Sequência didática e sala de aula invertida, convergem com métodos ativos de ensino e aprendizagem, pensados e planejados por Gilmar em sua prática de ensino de filosofia, considerado por ele uma quebra de paradigma didático, baseando-se também em (FREIRE, 1979, p.84), no pensamento em que "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo", ou seja, os professores reconfiguram suas práticas pedagógicas e os estudantes protagonizam suas aprendizagens.

Percepções da filosofia a partir do ensino de filosofia.

As percepções da filosofia, se dará a partir da escolha de estudos direcionados a pesquisa científica, que proporcionem ao leitor uma visão do ensino de filosofia no contexto da escola e da sala de aula, são pesquisas que promoverá debates na compreensão de como está sendo direcionado de fato as ações pedagógicas no campo filosófico, assim, os estudos apresentados por Adailton, Conceição, José Simão, Lenine, Nivson e Roberto Coutinho, contribuirão para desencadear caminhos em busca das soluções oriundas a partir das considerações dos referidos autores.

Adailton, apresenta "*Estudos da linguagem e a filosofia Marxista*". Esta escrita traz um discurso em detrimento da filosofia da linguagem, promovendo um debate reflexivo focalizando a ideias de Marx, Foucault, passando por Althusser e Pêcheux, propondo uma compreensão das relações propostas pelo Círculo de Bakhtin, representado por Volóchinov. A linguagem e um sistema de nomes que por sua vez constitui identidades. Consideramos assim que identificação e compreensão não é conhecimento.

A partir das conceituações apresentadas por Adailton, ele defende também que aprender e refletir a partir da linguagem é o processo de formação de conceitos, que engendra, necessariamente, o diálogo e que conduz ao eixo de interpretação do signo linguístico e do seu significado no contexto das aprendizagens significativas em sala de aula. Podemos também pensar numa perspectiva metodológica, sobre o discernimento de Adailton, diante da teoria em inferência à prática pedagógica. Entretanto, é fundamental conduzir os alunos a refletir sobre a dimensão da linguagem como processo linguístico e constructo de sentidos para um diálogo no âmbito da aprendizagem filosófica, significa conduzir o discurso para o confronto com o texto, seja ele filosófico ou não, desde que se garanta o seu sentido reflexivo, crítico, na perspectiva da filosofia da linguagem.

Avançando nessa discussão, na sequência o estudo de Conceição Souza, com o título "*Filosofia - por que ensino? Como ensino?*" fala do ensino de filosofia como prática do reconhecimento", além de

trazer a sua experiência de sala de aula, ela promove uma pesquisa qualitativa, junto aos alunos do 9º ano. Ela apresenta o reconhecimento como fonte inspiradora em sua prática de ensino, ou seja uma prática baseada na pedagogia afetiva, valorizando o conhecer e reconhecer nas particularidades e abrangências de cada ser. Isso atrelado ao respeito e a diversidade, base dos estudos que tornou a filosofia uma parceira no dia-a-dia e no exercício da profissão.

Para Conceição em seu estudo, o reconhecimento deve ter argumentos na ótica da universalidade, do individualismo e autonomia como fontes importantes que sustentam a base de igualdade e liberdade do homem, tendo a categoria do reconhecimento como autorrealização.

No estudo realizado com estudantes do 9º Ano, onde levantou as seguintes questões: para você qual a importância da filosofia? A filosofia conseguiu provocar mudanças na maneira de você enxergar as coisas? Você gostaria de dinamizar essa aula? Como? Em detrimento das respostas, verificou ser fator primordial o reconhecimento do conhecimento filosófico.

Em paralelo ao debate do reconhecimento, trazemos a pesquisa de José Simão, que se intitula "*Filosofia e educação: reflexões sobre a prática pedagógica*", descreve um texto dissertativo e bibliográfico, promove uma reflexão sobre a prática educativa no ensino de filosofia, destacando a ação comunicativa como fator de aprendizagem, sendo nesta via de mão dupla(fala/escuta) que se processa uma interação e integração do saber. E nesta abordagem dialógica que se forma o cidadão crítico e autônomo, o texto traz a proposta da teoria da comunicação de Habermas e o conceito de dialogicidade e autonomia de Paulo Freire.

O estudo apresentado por Simão, com foco na fala e escuta, fundamenta-se também na pedagogia do diálogo, bem como no método ativo de aprendizagem por pares, tendo como procedimento didático metodológico a construção e socialização do conhecimento, bem como a configuração e reconfiguração de aprendizagens e conceitos desenvolvidos nas aulas.

Mais adiante, Lenine Querino, em seu estudo "*Filosofia e Literatura, os desafios do aprender a pensar com autonomia*", pontua que

podemos criar metodologias diversas para empolgar os alunos na arte da leitura, neste sentido criar hábitos e prazer pela leitura é algo desafiador, em virtude da própria cultura da não leitura. Contudo, a proposta é saudável, porque segue uma sequência de leituras, primeiro de um texto literário, depois um texto filosófico, culminando logo após com o desenvolvimento da capacidade de estabelecer um diálogo entre os dois textos e criar as condições de análise da própria realidade na qual está inserido.

Lenine, fala da relação filosofia e literatura que se estabelece em diálogo para fazer com que o que se distingue como sentido e significação na literatura possa ser trabalhado de modo coerente, criando um universo teórico que promove, pelo filosofar, uma resposta ao critério de verdade interna própria da realidade literária em consonância e diálogo com a verdade externa, específica da reflexão sobre a realidade.

Nesse direcionamento, explorando a literatura, bem como apresentando propostas para métodos didáticos, o estudo de Nivison Rafael, "*Foucault e o Ensino de filosofia, discurso do poder e a liberdade do cuidado de si*", traz uma contribuição fundamental para se compreender essa relação de poder no espaço escolar.

O estudo realizado por Nivison, destaca a relação de poder presente nas avaliações, nos conteúdos, no processo de ensino-aprendizagem, nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe, na relação professor-aluno-gestão. Um poder concretizado no discurso curricular, que exerce o seu papel de controle através da materialização desse discurso, a partir das práticas oferecidas no interior da mesma. A escola é o lócus onde a ordem social é assegurada pelo poder da norma, pelo discurso e confeccionado pelo agente no poder.

Vale ressaltar, que o estudo desenvolvido por Nivison, reflete também sobre a prática da gestão escolar, isso significa dizer que ele ultrapassou as reflexões, ou seja, não se limitou em seus discursos apenas na prática docente. Podemos caracterizar este estudo com contrastes em distintas situações ocorridas no contexto escolar, possibilitando assim ao leitor, múltiplas perspectivas acerca do estudo apresentado.

Ele pontua também que, pensar a escola sem uma referência a um currículo, e este reproduz o discurso da classe que dirige e orga-

niza os projetos de ensino e aprendizagem, seja por legislação específica ou por orientações curriculares, como a BNCC–Base Nacional Curricular Comum e Orientações Curriculares Estaduais. É através dos discursos pedagógicos curriculares que se reproduzem questões de gêneros, preconceitos, racismos, entre outros, uma vez que provenientes de uma educação familiar e religiosa os estudantes são convidados a demandarem e reformularem seus pensamentos nos parâmetros e convicções que já trazem no seu universo familiar e religioso e que apenas se adequa à escola.

Seguindo, apresentamos Roberto Coutinho, abordando "*Educar para a liberdade: O exercício docente como um ato de transgressão*". Este estudo apresenta a necessidade de transgredir, assumir posturas que desafiem a conjuntura de privilégios em que historicamente se construiu o saber acadêmico. Fazer acontecer uma verdadeira revolução de valores. Assim, em um mundo multicultural, em uma sala de aula que lida com a diversidade, precisamos estar comprometidos, verdadeiramente, em promover uma sociedade mais justa, repensando os valores da cultura de dominação.

Outro ponto destacado por Roberto, parte do pressuposto de educar para a liberdade bem como promover uma quebra de paradigmas em busca de uma aula que traga um entusiasmo no ensinar, que sinalize para um crescimento não só intelectual, mas também espiritual dos alunos, um ensino em que seja direcionado para a experiência de vida dos alunos, que ambos atores presentes em sala possam crescer enquanto seres humanos, destacando que o discente deve ter um compromisso ativo com um processo de autoatualização e que promova seu próprio bem-estar, elevando assim a tese de beel hooks, onde coaduna com as ideias freirianas, de onde se destaca a necessidade de se instalar o multiculturalismo no contexto do processo de ensino-aprendizagem.

Referências

BASTOS, C. C. Metodologias ativas. 2006. Disponível em:
BACICH, L.; MORAN, J. (org.).Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. 238p.

CAVALCANTI, Carolina Costa; FILATRO, Andrea. Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

FREIRE, Paulo . Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GLASSER, W. Choice Theory: A New Psychology of Personal Freedom. The William Glasser Institute.1998.

HOFFMANN, J. (1998). Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em educação.

Porto Alegre: Mediação.

MACHADO, Andreia. et al. Práticas inovadoras em metodologias ativas. Florianópolis: Contexto Digital, 2017. 174 p.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. DO C.. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. Ciência & Educação (Bauru), v. 12, n. 1, p. 117–128, jan. 2006.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOVAK, Joseph D. Aprender a aprender. Lisboa: Plátano, 1999.

_____. Aprender a criar e utilizar o conhecimento: mapas conceituais como

ferramentas de facilitação nas escolas e empresas. Lisboa: Plátano, 2000.

RAMOS, Neferson Barbosa da Silva. Metodologias ativas na educação on-line: uma análise a partir das coreografias didáticas na educação superior. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

WALLON, H. Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.